

PALCO

JUIZ DE FORA, MAIO. 2013. ANO V. Nº 31

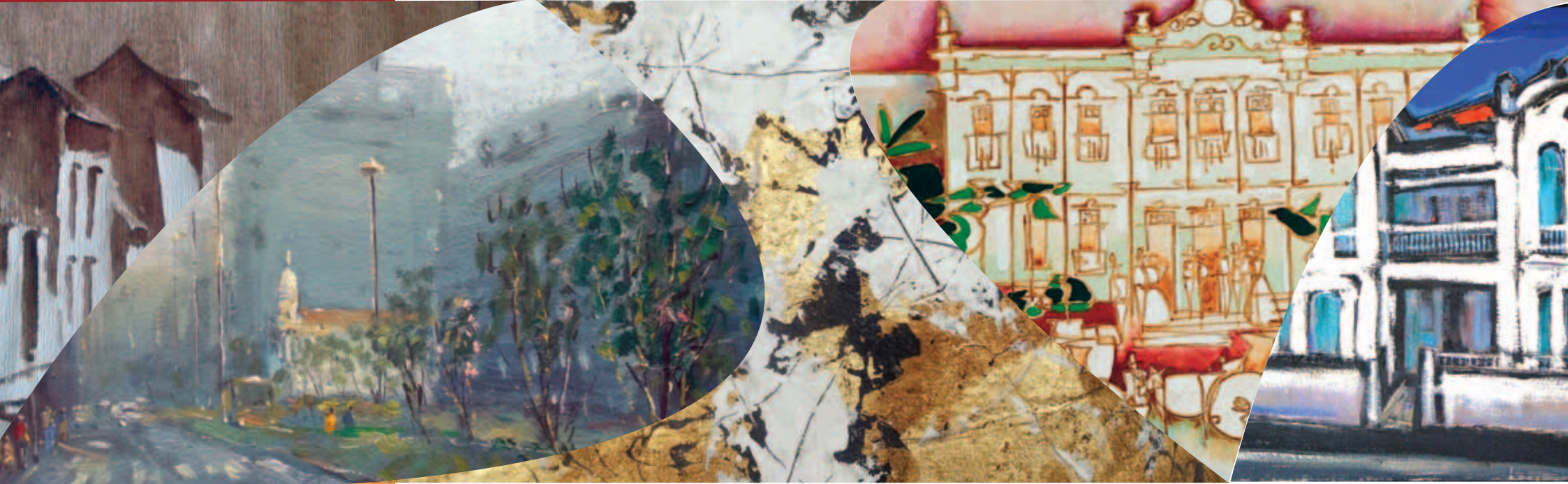
VERBO E COR ÉPICO JUIZ-FORANO

A famosa frase do filósofo e ensaísta espanhol George Santayana de que “um povo que não conhece seu passado está condenado a repeti-lo” parece ter validade apenas nos casos negativos, quando esse passado é marcado por tragédias, frustrações e desesperança. Pegando o aforismo pelo avesso, poderíamos também arriscar a dizer: um povo que não conhece sua história, quando esta é gloriosa e fonte de orgulho, tende a não honrá-la, mas antes degenerá-la e tornar aquilo que há de mais vivo e exemplar, em um ambiente ou em um povo, mera caricatura daquela idade de ouro.

Com a ideia de revisitar a história de Juiz de Fora e contribuir para que a população tome posse dessa herança cultural, nasce a exposição *Juiz de Fora – Verbo e Cor*, em cartaz nas galerias Retratos-relâmpago e Poliedro, de 23 de maio a 28 de julho, no Museu de Arte Murilo Mendes

MOMENTOS

Entre os fatos narrados estão, por exemplo, a inauguração da Usina Hidrelétrica de Marmelos, em 1889, considerada a primeira grande usina geradora de eletricidade da América do Sul. Na época, seu fundador, Bernardo Mascarenhas, além de ter criado uma fonte de abastecimento elétrico para sua fábrica têxtil, expandiu o projeto de distribuição de energia para a iluminação pública do município, que até então era a gás. Referência importante para a história da cidade é o Museu Mariano Procópio. Construído em 1860 para receber o Imperador Dom Pedro II na inauguração da União e Indústria, primeira rodovia pavimentada do país, o edifício foi doado à Prefeitura por Alfredo Ferreira Lage em 1930. Além do imóvel, o herdeiro do engenheiro Mariano Procópio tam-



NESTA EDIÇÃO

ARTIGO
CAPITAL CULTURAL

OPORTUNIDADE
CENTRAL DE PORTAS
ABERTAS

ARTE MURALISTA
GUIMA NA UFJF

EXPOSIÇÃO
OS MUNDOS DE STEHLING

PATRIMÔNIO
CENTRAL, 30 ANOS
DE TOMBAMENTO

(MAMM). Pensada para recontar essa história desde as origens da nação, com as caravelas saindo de Portugal, até a industrialização do Brasil no início do século XX, a mostra reúne pinturas e textos (documentação histórica e literária) de artistas e escritores da cidade, a fim de compor um panorama épico sobre a formação do município.

Essa maneira de apresentar os fatos tem duas finalidades. A primeira consiste em ressaltar os acontecimentos mais relevantes da cidade, demonstrando a importância social, econômica e política que o município já representou para Minas Gerais e para o Brasil. O segundo motivo é a proposta de estabelecer um diálogo com obras de importantes artistas juiz-foranos, tanto das artes plásticas, quanto da literatura. A lista de trabalhos que compõem a mostra evidencia que Juiz de Fora é celeiro de grandes nomes. Dela constam obras como *Caravelas*, de Jorge Arbach, *Índios*, de Eliardo França, e *Retrato do Museu Mariano Procópio*, de Frederico Bracher. Ao todo, *Verbo e Cor* reúne 15 artistas plásticos. Entre a seleta de textos literários, estão excertos de Murilo Mendes, Pedro Nava, Cosette de Alencar e outros escritores.

O viés pedagógico é o ponto forte da mostra. De acordo com o idealizador do projeto, o artista plástico e pró-reitor de Cultura da UFJF, Gerson Guedes, a história de Juiz de Fora continua sendo muito mal contada, e, por essa razão, “as pessoas costumam ter certa resistência quando você explica que vai lhes contar a trajetória do município”. As artes plásticas entram com a finalidade de ilustrar a narração e também desarmar o espectador, fisgando sua atenção. “Os quadros estão lá justamente para alcançar o visitante. Quando ele vê um texto ou uma poesia na parede, muitas vezes passa direto ou não se detém perante o que está escrito com a devida atenção. Mas no momento em que se introduz uma pintura, onde, além do apelo estético, narra-se uma determinada experiência humana, o texto ao lado aparece como um aprofundamento daquilo que agora já é parte da imaginação do espectador”.

bém doou relíquias que vinha colecionando desde a juventude, e que hoje é um dos maiores acervos sobre o Império do país, totalizando mais de 50 mil peças.

A exposição ainda trata da criação da Rua Halfeld, do surgimento da Câmara Municipal, da origem do intrigante nome Juiz de Fora, do processo de industrialização no século XX, da mineração, da Inconfidência e de Portugal, país que está no início e no fim de *Verbo e Cor*. A mostra começa com a vinda dos portugueses para o Brasil e se encerra com a morte do poeta Murilo Mendes na terra lusitana.

Depois de realizar missão cultural na Bélgica, Holanda e França, no período de 1952 a 1956, Murilo Mendes fixa residência na Itália em 1957, no entanto nutrindo forte ligação com Portugal em razão da esposa Maria da Saudade, que era natural do país. Além das constantes viagens, Portugal também serviu de inspiração para alguns livros de Murilo, como *Janelas Verdes*, no qual é apresentada uma série de cidades e personalidades da cultura lusitana. Por essas e outras que a crítica italiana e editora de Murilo, Luciana Stegagno Picchio, afirma que a ida do poeta ao outro lado do Atlântico consistia “na busca da recuperação de sua ancestralidade cultural europeia...”.

Coincidência ou não, o curador Gerson Guedes observa, nesse ato de Murilo Mendes, o genuíno perfil do espírito juiz-forano. “Juiz de Fora é filha de Portugal. Quase todos nós que aqui vivemos temos origens portuguesas, raízes que nessa Terra de Santa Cruz se entrelaçaram a tantas outras: nativas, africanas, espanholas, italianas, alemãs, libanesas... Somos fruto de navegadores ousados, de bandeirantes destemidos, de imigrantes que aqui fincaram seus sonhos. Surgimos da ‘Fome do ouro’, de trilhas infundadas e um caminho de emboscadas margeando um rio caudaloso. Descanso de tropeiros obstinados na rota do ouro e do sal, margens do Parahybuna, boiada, Fazenda do Juiz de Fora, distrito, Vila de Santo Antônio do Paraibuna, Juiz de Fora. Nessa sequência, deu-se a história que hoje contamos.”

Thauan Monteiro



CAPITAL CULTURAL APRENDIZADO INVISÍVEL

Inicialmente é importante saber o que é “capital” para só depois compreender suas subdivisões. Capital é tudo aquilo que pode ser utilizado como condição para se lograr um acesso privilegiado a qualquer bem ou recurso escasso, seja ele “material”, como um carro ou uma casa, ou “ideal”, como o prestígio ou o charme que garante o acesso a amizades proveitosas ou até a “conquista” de um parceiro erótico. Existe uma luta social entre indivíduos e classes por todos os recursos escassos que todos desejamos pelas 24 horas do dia. E são os “capitais” que os indivíduos e as classes sociais detêm que predecidem o acesso, positiva ou negativamente, privilegiado a todos eles.

Podemos definir, com Pierre Bourdieu, os capitais mais importantes para a luta social entre as classes e os indivíduos que as compõem em capital econômico, capital cultural e capital social. A ideia mais comum de capital é a de capital econômico. A classe proprietária dos meios de produção e dos direitos de propriedade econômica é a “classe alta” de toda sociedade capitalista, posto que a posse desse capital predecide o acesso privilegiado a qualquer recurso escasso que tenha preço. Mas o capital econômico é apenas o capital mais visível. Tão importante quanto o capital econômico é o capital cultural. Capital cultural é tudo aquilo que logramos “aprender” e não apenas os títulos escolares. Ainda que os títulos escolares sejam decisivos para a classe média – a outra classe do privilégio, além da classe dos proprietários dos meios econômicos –, que vai monopolizar todos os empregos do mercado e do Estado que possuem prestígio, bons salários e vantagens, eles não são o aspecto mais importante desse tipo de capital.

Capital cultural é também tudo aquilo que não se aprende na escola, mas que se aprende na socialização familiar. Esse aprendizado é

invisível e serve por conta disso para legitimar todo tipo de privilégio de classe que se traveste de “mérito individual”. É que, nas classes do privilégio, se aprende, sem esforço, porque se recebe estímulos constantes para isso, por exemplo, a “se concentrar”, algo que não tem nada de “natural” como imaginamos, mas que é, ao contrário, uma herança de classe. As classes que tiveram estímulos para a “capacidade de concentração” – esse é apenas um exemplo que poderia ser multiplicado facilmente – chegam como “vencedoras” na escola e depois no mercado de trabalho. As classes que não possuem a mesma herança de privilégio chegam, ao contrário, como “perdedoras” na escola, e já derrotadas na vida, como as classes populares que estudamos em nossas duas pesquisas nacionais (SOUZA, Jessé em *A ralé brasileira*, UFMG, 2009; e SOUZA, Jessé em *Os batalhadores brasileiros*, UFMG, 2010). Por não terem o “tempo de estudo” – que é “comprado” pelas famílias de classe média para que seus filhos possam reproduzir os privilégios de classe – ou o estímulo adequado pela herança familiar de carência e miséria, essas classes são condenadas aos trabalhos sujos, pesados, manuais e desvalorizados. Serviço esse comprado a baixo preço pelas classes do privilégio, de modo a que possam empregar seu tempo livre para se apropriarem de ainda mais vantagens e privilégios. Essa é a luta de classes brasileira, invisível e silenciosa. Luta de classes não é apenas revolução e sangue nas ruas. É a relação cotidiana e não percebida de exploração na qual algumas classes mantêm privilégios injustos, ao mesmo tempo em que negam a outras qualquer possibilidade de igualdade efetiva.

Jessé Souza

Professor titular de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da UFJF

LUZ DA TERRA DESAFIO E OPORTUNIDADE

Lançado pela Pró-reitoria de Cultura da UFJF em abril, o *Projeto Luz da Terra* pode ser resumido em uma palavra: oportunidade. Segundo Gerson Guedes, pró-reitor de Cultura e um dos idealizadores do projeto de incentivo à produção cultural da cidade e à sua popularização, essa

é a chance de grupos locais mostrarem seu trabalho em um espaço nobre como o Cine-Theatro Central. Como artista plástico, Gerson reconhece a necessidade de editais de apoio à cultura: para artistas iniciantes, participar de um projeto como esse é uma alavanca profissional e, para os já consagrados, é uma possibilidade de crescimento ainda maior.

As inscrições para o *Luz da Terra* ocorreram no período de 15 a 30 de abril, e os dez grupos e artistas selecionados para apresentação no Central serão conhecidos ainda em maio. Primeira a se inscrever para o processo seletivo, já no dia 16, Carolina Granato, do Studio Viva Dança, em entrevista ao *Palco*, declarou estar confiante quanto às chances de seu espetáculo de dança, *Amazônia: Majestade do Mundo*, que envolve bailarinos de diversas idades. Para ela, o *Luz da Terra* é um projeto muito importante, um grande apoio cultural. E sua forma de retribuir a oportunidade, caso selecionada, será levar a dança à população.

De acordo com o pró-reitor de Cultura, nesta primeira edição, é possível que a maioria dos inscritos seja de artistas com repertório já pronto, mas a expectativa é de que, nas próximas edições, o projeto revele novos nomes. Afinal, como ressalta Guedes, Juiz de Fora é berço de grandes artistas nas mais diversas artes.

Para o auxiliar administrativo do teatro e também idealizador do projeto, Wanderlei Faini, o grande diferencial do *Luz da Terra* é o próprio

Cine-Theatro Central, uma casa que expõe, soma, aprimora e, principalmente, desafia os artistas e seus trabalhos. Segundo ele, o Central influi no desenvolvimento da cultura na cidade, tanto em termos de produção quanto de formação de público para as artes.

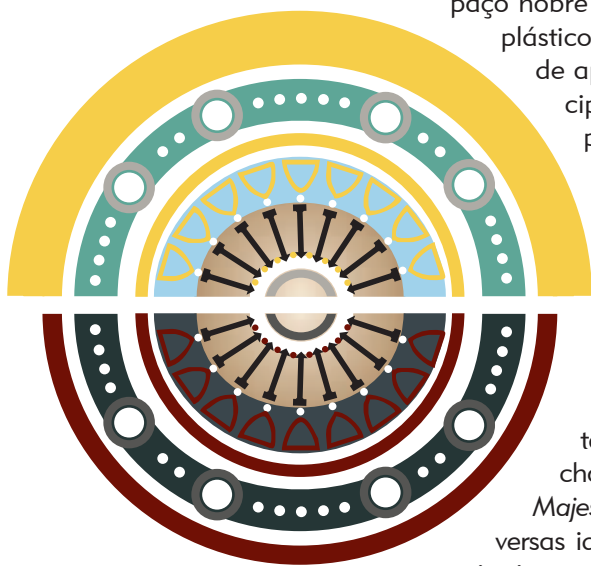
HOMENAGEM

Além de abrir as portas do Cine-Theatro Central para os realizadores locais, o *Luz da Terra* homenageia um dos principais nomes das artes cênicas em Juiz de Fora: seu título é uma referência ao jornalista, ator e diretor de teatro Robson Terra, falecido há um ano, ao mesmo tempo em que alude à projeção dos artistas da cidade.

As propostas inscritas passam pela avaliação de comissão designada pela Pró-reitoria de Cultura, liderada por Gerson Guedes, que quer uma banca examinadora heterogênea, com nomes tradicionais e de recente atuação nas artes da cidade, além de líderes de sindicatos artísticos. Os selecionados terão a opção de se apresentarem com entrada franca ou com cobrança de ingresso – valor máximo de R\$ 25 –, sendo que, nesse caso, há uma taxa mínima de ocupação, mas, na hipótese de gratuidade do espetáculo, a taxa é isenta. O projeto é também social, pois, obrigatoriamente, 10% dos ingressos do espetáculo serão destinados a escolas públicas e instituições filantrópicas.

A homenagem do projeto a Robson Terra é mais do que merecida. Figura cativante, chegou a ir ao Programa do Jô, que o caracterizou como “o homem das 40 profissões”. Nascido em Chácara (MG), Robson Terra era bacharel em Comunicação Social pela UFJF, mestre em Comunicação e Tecnologia pela UNIPAC, pós-graduado em *Marketing* pela Faculdade Machado Sobrinho, trabalhando em diversas instituições, além de atuar como palestrante e mestre de cerimônia. Mas abandonou tudo para se dedicar exclusivamente ao teatro. O ator se destacou na cena teatral juiz-forana durante os anos 1990 e foi um dos maiores entusiastas das artes cênicas, sempre elogiado por grandes artistas da cidade.

Raíra Garcia





MURAL ARTE DEMOCRÁTICA

A arte mural, pintura realizada sobre parede, tem origem nas civilizações grega e romana e foi também muito desenvolvida na China. Mas é no contexto do muralismo mexicano, nas primeiras décadas do século XX, que esse gênero de pintura ganhou os espaços públicos, como uma aspiração dos artistas por um terreno mais amplo e democrático para a arte. O Brasil não ficou indiferente à tendência, e grandes nomes das artes plásticas nacionais realizaram pinturas murais em edificações e monumentos públicos.

Juiz de Fora conta com estabelecimentos com obras murais, com destaque para as que Candido Portinari e Di Cavalcanti realizaram, respectivamente, na fachada do Edifício Clube Juiz de Fora e no Marco do Centenário. Além deles, a cidade ostenta outras obras de artistas que se estabeleceram por aqui, como Alfredo Mucci, que assina dois mosaicos do antigo Banco Mineiro da Produção, atual Secretaria da Fazenda, e João Guimarães Vieira, o Guima.

Guima é autor de alguns murais reconhecidos em Minas Gerais, como os da Catedral de São João del-Rei. Em Juiz de Fora, além de afrescos residenciais, o artista também pintou o painel que compõe a Biblioteca Central da Universidade Federal de Juiz de Fora. Este, pintado especialmente para a inauguração da biblioteca, data de 1975. Realizada em cores chapadas, tendo o livro e a leitura como tema, a obra valoriza e agrega sentido à prática da leitura no local, além de remeter ao paisagismo do *campus*. A harmonia estabelecida no ambiente está relacionada ao aconchego dos livros e à proximidade com a arte.

STEHLING INTENSO, IMENSO

Há dez anos, Juiz de Fora perdia um dos pintores mais expressivos de sua galeria de artistas: Renato Stehling. Para homenageá-lo, a Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora organiza a exposição *Tributo a Stehling*. O resgate da memória do artista reúne 21 obras que apresentam principalmente temas campestres, paisagens e cenas urbanas de Juiz de Fora. A Galeria Renato de Almeida, no Centro Cultural Pró-Música, recebe a mostra, em cartaz até o dia 29 de maio.

A UFJF assume a posição de mecenas nesta exposição, patrocinando todas as despesas para sua realização, além da restauração das telas, que foram recuperadas pelo Laboratório de Conservação e Restauração de Pintura e Escultura do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). Os quadros da mostra, em óleo sobre tela, estão à venda, e a renda apurada será integralmente revertida à família do pintor. Segundo o pró-reitor de Cultura, Gerson Guedes, a ideia é fazer o mesmo por outros artistas de peso da cidade que andam esquecidos, como Roberto Gil e Claro de Campos.

O HOMEM POR TRÁS DO ARTISTA

De aspecto introspectivo, Renato Stehling usava uma barba espessa que se tornou sua marca registrada. Porém, por detrás da barba, havia sempre um largo sorriso quebrando o ar de melancolia e interioridade. Os amigos, admiradores e familiares testemunham que ele encontrava a felicidade em coisas simples do dia a dia e as transpunha para as telas. Levava a vida assim como os riachos que pintava: calmamente. Essa é a visão geral sobre o artista, que sua viúva, Marta, corrobora: "Ele era uma pessoa muito doce, às vezes quieto, de conversa mansa, amena". Apaixonado pela terra e pelos amigos, o pintor era um homem que cultivava suas amizades, como um bom agricultor que cuida de sua horta.

Stehling fez parte da geração de pintores juiz-foranos que se inspirava nos movimentos artísticos europeus impressionista e expressionista. Dentre eles, destacam-se como seus companheiros de trabalho e amigos Dnar Rocha e Carlos Bracher. Sua obra marcante, de cores fortes e traços bem definidos, dispensa assinatura. Com poéticas temáticas pic-

toricas muito representativas, Stehling retratava de maneira vigorosa campo e cidade, com destaque para o bucolismo campestre e a paisagem urbana de Juiz de Fora.

ARQUITETURA

Como vínculo entre a arquitetura e a pintura, a arte muralista está presente no dia a dia nos mais diversos locais. As áreas externas aproximam o público da arte, e os murais interiores decoram e sofisticam ambientes. A obra pode ser concebida em painéis e permanentemente aplicada à superfície ou ser realizada diretamente na parede, sobre a argamassa. A primeira é utilizada principalmente em interiores. A técnica de pintura que mais se adapta ao gênero é o afresco, que caracteriza por diluir o pigmento em água, alcançando uma consistência fluida, aplicada sobre a argamassa úmida. É também a técnica mais utilizada e agrega uma textura fina à pintura.

O mundo teve vários mestres muralistas, como Giotto Bondone, Michelangelo, Leonardo da Vinci, Pablo Picasso, Henri Matisse, Diego Rivera e o italiano naturalizado brasileiro Alfredo Volpi.

Luzya Marxiellen

Amigo de Stehling, Gerson Guedes afirma que o artista transitava com muita habilidade entre aqueles dois universos. "Apesar de a gente considerar pequenos mundos, eram mundos belíssimos, fantásticos, e ele conseguia transmitir a ideia de que nós podemos ser felizes dentro dessas pequenas coisas." Ainda segundo o pró-reitor, os espectadores de sua obra conseguem, apesar da simplicidade dos locais retratados, e graças às possibilidades metafísicas da arte, alcançar experiências com dimensões de grandiosidade inigualáveis. "O que me impressionava no Stehling é exatamente isso, ele era intenso, imenso, sem sair do lugar ou dando pequenos passos para isso."

Amigo de Stehling, Gerson Guedes afirma que o artista transitava com muita habilidade entre aqueles dois universos. "Apesar de a gente considerar pequenos mundos, eram mundos belíssimos, fantásticos, e ele conseguia transmitir a ideia de que nós podemos ser felizes dentro dessas pequenas coisas." Ainda segundo o pró-reitor, os espectadores de sua obra conseguem, apesar da simplicidade dos locais retratados, e graças às possibilidades metafísicas da arte, alcançar experiências com dimensões de grandiosidade inigualáveis. "O que me impressionava no Stehling é exatamente isso, ele era intenso, imenso, sem sair do lugar ou dando pequenos passos para isso."



MEMÓRIA RESGATADA

Juiz de Fora, reconhecida por sua efervescência cultural, não pode deixar cair no esquecimento artistas que contribuíram para a consolidação do seu *status* de polo cultural. Pensando nisso, exposições como a *Tributo a Stehling*, que buscam o resgate da memória de artistas das literaturas visuais, são propostas da nova gestão da Pró-reitoria de Cultura: "Buscamos a valorização do resgate da memória desses pintores que marcaram uma época muito profícua de produção plástica na cidade", diz Gerson Guedes.

Luzya Marxiellen

AGENDA



UFJF | PROCULT

Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Campus Universitário
(32) 2102-3965
www.ufjf.br/procult

EXPOSIÇÃO

30.04 a 20.05 Arthur Arcuri –
Um pingente da arquitetura
Saguão da Reitoria

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/nº.
(32) 3215-1400
www.theatrocetral.ufjf.br

11.05, 21h Velório – Pra morrer
de rir

29.05, 20h30 Estou aqui (Padre
Fábio de Melo)

MAMM

MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm

Terça a sexta: 10h às 18h

Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

30ª Bienal de São Paulo:
Seleção de obras
Galeria Convergência

Juiz de Fora – Verbo e Cor
Galerias Retrato-relâmpago e
Poliedro
Abertura 23.05, 20h

Homenagem a Kounellis, Cesar
Brandão
Galeria Poliedro
Até 19.05

Murilo Mendes: o passeante
moderno dos museus
Galeria Retratos-relâmpago
Até 19.05

PRÓ-MÚSICA

Av. Barão do Rio Branco, 2.329
(32) 3216-4787
www.promusica.org.br

EXPOSIÇÃO

07.05 a 29.05 Tributo a Stehling
Galeria Renato de Almeida

CONCERTO

29.05, 20h Clássicos Pró-Música
Duo Tuttman-Senise (tenor
lírico e piano)
Teatro Pró-Música/UFJF

ESPAÇO CULTURAL DOS CORREIOS

Rua Marechal Deodoro, 470

04.04 a 18.05 União e
Indústria: uma estrada para o
futuro

CENTRAL MEMÓRIA EM TRANSBORDAMENTO

“Evocar a memória do município é mais do que um dever de gratidão: é um imperativo e um compromisso com as novas gerações. Não a evocação lastreada na homenagem fácil e superficial. Muitos edificaram, todos sabemos, mas é importante saber o que foi e como foi edificado. Mais ainda, deve-se perenizar essas marcas contra a voragem do tempo.” Essas palavras foram ditas há 34 anos pelo então prefeito de Juiz de Fora, Francisco Antônio de Mello Reis, ao justificar a criação da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, a Funalfa, e sintetizam o pensamento que dominava a sociedade juiz-forana no final da década de 1970, momento de intensas discussões acerca da proteção de casarões e prédios históricos, que, por sua vez, refletiam o impacto da demolição do prédio do Colégio Stella Matutina e outras edificações.

Em *História e Memória*, Jacques LeGoff diz que o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento, pois, a cada tempo, a humanidade engendrou suas práticas sociais e conservou suas experiências para transmiti-las a gerações seguintes de maneiras diversas, procurando sua significação, conservação e recuperação.

Em 1983, a memória juiz-forana, no que diz respeito ao Cine-Theatro Central, estava em um momento de transbordamento. Tal fato, propiciado pelas ameaças da demolição do prédio e pelo florescimento do movimento cultural, que culminou não só em um amplo debate sobre a proteção do patrimônio cultural, mas também em ações práticas, fizeram com que o tema entrasse na ordem do dia. Discutir o caso do Cine-Theatro Central, há 30 anos e ainda hoje, é, respectivamente, significá-lo e ressignificá-lo; conservá-lo e dar continuidade à ação de salvaguardar o edifício; recuperá-lo e observar sua importância real e simbólica.

O Central é a “expressão arquitetônica e artística de uma série de transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais e técnicas que então se inscrevem no espaço urbano de Juiz de Fora. Ele representou a capacidade técnica de empreendedores locais doarem à cidade um equipamento cultural de massa, ao mesmo tempo que significava fazê-lo com a atualização técnica e a qualidade artística considerada a mais representativa para os padrões dominantes”, aponta Germano Coelho na dissertação de Daniel Roberto dos Reis Silva, *De Cine-Theatro à alma da cidade*.

O processo de tombamento municipal do Central foi aberto em 17 de junho de 1982. A autoria do ofício que solicitava a ação ficou sob a responsabilidade do arquiteto Luiz Alberto do Prado Passaglia, que encarava o Central, mais que uma construção, como uma obra de arte – um lugar da memória de vários gêneros artísticos no município, um lugar da moderna forma de sociabilidade urbana.

Para Passaglia, a questão do tombamento municipal do Central também apresenta um reflexo nacional, porque existe uma questão entre o valor local e o conceito de nacionalidade. “O debate da cultura local tem o berço da nacionalidade, não digo da exemplificação em termos de cultura material, mas da essência, da posição humana diante do legado humano.” Segundo ele, o Central é um exemplo que vem da ação pionei-

ra da Municipalidade. “Um ato local pode ter magnitude a um nível nacional, e o Central é um paradigma nesse processo.”

Passaglia observa que o Central não era um cinema qualquer. “Ele tinha um *pedigree* muito forte, não dos seus proprietários, mas de quem o produziu, de quem o construiu, de quem o projetou, de quem o pintou e de quem o utilizou.” O arquiteto se refere especialmente à Construtora Pantaleone Arcuri, a Raphael Arcuri e ao pintor Angelo Bigi, autor das pinturas ornamentais de seu interior.

A população tinha grande identidade com o Cine-Theatro Central. “Era a casa de espetáculos da população e de vários segmentos. O Central era a casa de Juiz de Fora. E isso é tão verdadeiro que os proprietários não questionaram o tombamento judicialmente, mas tentaram derrubar o tombamento municipal politicamente. Não conseguiram. Foram vencidos em um plenário público criado por Tarcísio Delgado. Foi objeto de riso a tentativa da Franco-Brasileira de burlar a essência do Central.” O tombamento foi oficializado em 19 de janeiro de 1983.

VERTICALIZAÇÃO

No recém-lançado livro *Reflexões e Olhares – O patrimônio cultural de Juiz de Fora*, Nilo Lima de Azevedo e Wilson Jabour Jr. descrevem o cenário da década de 1970, quando se começou a discutir a questão do patrimônio cultural em Juiz de Fora. Entre os elementos que impulsionaram a discussão, destaca-se o processo de verticalização do eixo principal da cidade, que substituiu os casarões ecléticos pelos arranha-céus, gerando uma drástica descaracterização na imagem da cidade. Nesse estágio, se nada fosse feito, a memória da cidade, constituinte da identidade juiz-forana, poderia se perder. Além dos processos de tombamento, criou-se uma legislação municipal que regulamenta a atividade.

Membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural (Comppac) – órgão hoje responsável pela política de preservação do patrimônio de Juiz de Fora –, Wilson Jabour Jr., em entrevista ao *Palco* realizada apenas uma semana antes de seu falecimento, fez uma avaliação positiva do percurso: “Caminhamos muito nesses últimos 30 anos, preservando de maneira efetiva parcela significativa do nosso patrimônio cultural imobiliário. Penso que devemos avançar no sentido de atualização do Inventário do Patrimônio Cultural, agora procurando abranger bens móveis e intangíveis, assim como bens imateriais, inclusive alcançando os distritos e a zona rural”.

Personagem dos mais relevantes na defesa do patrimônio cultural de Juiz de Fora, Wilson Jabour Jr. considerava que o Central reúne todas as qualidades de um bem que remete à memória, cultura e identidade, no sentido amplo que a Declaração do México, de 1985, instituiu, em sua abertura a obras, inclusive anônimas, que expressem os valores que dão sentido à vida e proclamam a criatividade de um povo. Vislumbrar isso há 30 anos, quando a sociedade juiz-forana se mobilizou para salvaguardar um espaço que lhe pertencia afetivamente, tornou possível que gerações atuais e futuras também possam se projetar nesse belo espelho.

Jefferson Oliveira